

PIBID E DIVISOR: RELAÇÕES DO INDIVÍDUO COM O OUTRO A PARTIR DA ARTE

HELENA OUTEIRO¹;
NAUITA MARTINS MEIRELES²;
LISLAINE SIRSI CANSI³;

¹Universidade Federal de Pelotas – heeeleenismo@gmail.com

²Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac - nauita.martins@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lislaine.cansi@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende investigar e discutir proposições realizadas durante uma aula de Artes Visuais na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, situada no bairro Fragata do município de Pelotas. A proposta é articulada ao núcleo dois do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. A proposição objetiva a exploração do espaço e do território escolar a partir da obra *Divisor* (1968), da artista Lygia Pape, com ênfase na coletividade e nas relações que podem ser tecidas entre indivíduos distintos. Negando as características científicas da arte, GULLAR (1959) denuncia a arte mecânica e como objeto desprovido de propósito, na qual a significação existencial, emotiva e afetiva é confundida com aplicação teórica. É nesse sentido que Pape trabalha com o *Divisor*, uma obra horizontalizada e sem hierarquias, é uma brincadeira, vestir um lençol e fazer o que quiser no território urbano, individualidades únicas, unidas e imprevisíveis, em oposição à racionalidade e previsibilidade das máquinas que ocupava à época.

Desse modo, é um exercício para deslocar os estudantes da lógica de sociedade dos figurantes, conceito trazido por BOURRIAUD (1998), no qual os sujeitos estão cada vez mais inseridos em locais que condicionam a uma posição de consumidor do tempo e espaço, em que as relações humanas arriscam sua própria existência, em virtude que pouco a pouco é introduzida no sistema capitalista e seus dispositivos de controle.

Como resultado da proposição é possível apontar para uma suspensão no tempo escolar, na qual ocorreu uma experiência estética vinculada aos princípios da estética relacional, a obra só acontece se alguém está fruindo nela, o fazer artístico é as relações humanas geradas a partir dela.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A proposta teve seu foco em uma performance artística coletiva, na qual diversos estudantes de 8 a 10 anos de idade de uma turma de terceiro ano do fundamental I vestiram um manto confeccionado por mim, a partir de tecido TNT, inspirado no *Divisor* de Lygia Pape, importante artista brasileira do movimento neoconcreto. O ato performático produz um *quase-corpus*, GULLAR (1959):

[...] um ser cuja realidade não se esgota nas relações exteriores de seus elementos; um ser que, decomponível em

partes pela análise, só se dá plenamente à abordagem direta, fenomenológica.(GULLAR, 1959, p. 1).

A aula teve seu início com a exposição de conceitos de território e espaço, orientações do planejamento daquele dia, além de considerações que os alunos deveriam observar durante a proposição: sentir, não apenas o próprio corpo, mas como os colegas sentiam-se; reparar nas reações dos espectadores do espaço escolar; perceber questões de espaço enquanto caminhavam; controlar o organismo coletivo.

Os estudantes, logo no início, estavam eufóricos, caminhavam com dificuldade tentando se ajustar ao novo corpo. Como uma grande onda, tomavam a atenção dos frequentadores escolares: professores, alunos e funcionários pausando seu cotidiano para contemplar, interagir e conversar, enquanto o mar branco engolia o caminho. Com muitos gritos, a caminhada/performance se direcionou a lugares nunca explorados: o pátio cheio de natureza que anteriormente estava interditado.

Figura 1. Divisor na E.M.E.F Olavo Bilac.



Fonte: Fotografia da ação. Arquivo pessoal. 2025

No caminho de volta, ocorreram alguns inesperados: algumas crianças não queriam mais participar, algumas discutiam e não colaboravam umas com as outras. Nesse momento, os colegas do PIBID – Vitória Bressan, Bruno Zeferino, Júlio Härter e a professora Nauita Meireles – auxiliaram tomando conta dos imprevistos, tentando estimular os estudantes a permanecerem na atividade prática, adentramos o divisor, ato que promoveu a colaboração do ato performático. Encaminhando-se para a sala de aula, o mar branco voltou pelo mesmo percurso de ida, para então se dissolver na porta de entrada. Após a turma se organizar, começamos uma conversa sobre o que foi sentido e experienciado na performance, em que vários estudantes relataram desconforto e

dificuldades, porém, alguns destacaram positividades, pois não haviam explorado a expressividade da performance anteriormente.

Ter realizado em conjunto com a turma a nossa versão do Divisor, produziu novas relações. Para GULLAR (1959):

[...] a obra de arte não se limita a *ocupar um lugar* no espaço objetivo – mas o transcende ao fundar nêle uma significação nova – que as noções objetivas de tempo, espaço, forma, estrutura, côr, etc., não são suficientes para compreender a obra de arte, para dar conta de sua ‘realidade’. (GULLAR, 1959, p. 1).

Nesse sentido, experimentamos com arte e vida, uma arte pública, na qual qualquer um pode participar. Criamos um momento único que não se repete da mesma maneira, pois depende do contexto em que acontece, esse foi o Divisor da E.M.E.F Olavo Bilac.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra não foi o manto em sua materialidade, foi o conjunto de estudantes, de graduandos e da professora em uníssono, formando relações entre si, com o espaço e com o outro. Apoando-se no pensamento de Bourriaud, a obra de arte está para além da sua presença propriamente dita, ela é aberta ao diálogo, à discussão, uma forma de negociação inter-humana, que foi o que aconteceu nessa simples proposição. Quando as crianças se empurram, andam descompassadas e discutem, estão criando-se relações inter-humanas, advindas desse aglomerado relacional-neoconcreto.

Quando docentes criam esse espaço em suas práticas, vai sendo construído pouco a pouco uma resistência aos espaços da sociedade dos figurantes, produz locais para as relações humanas que não servem ao capitalismo, produz tempo não-produtivo, formando indivíduos capazes de romper com esse paradigma.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURRIAUD, N. A forma relacional. In: BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

GULLAR, F. **Manifesto neoconcreto**. Rio de Janeiro: Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, 1959.